

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 33

Nº 198

SETEMBRO - OUTUBRO
2014

(Não aderimos ao acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
	Palavras de Kardec	6
	Na Obra do Cristo	8
	Para desactivar Explosivos	10
	A Reforma da Reforma	12
	Tentanda Via (Soneto)	22
	Páginas do Passado	23
	Em nossas Tarefas	35

Tiragem : 150 exemplares

*

Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

EDITORIAL

De há muito, apreciamos os contos orientais, no que eles nos transmitem de sabedoria e lições de paciência, nas palavras não rebuscadas com que nos põem a todos, a pensar. E vem este introito a respeito daquele turista que, estando num país do oriente e ouvindo falar com respeito de determinado guru, extraordinário no conceito em que todos o tinham pelos conselhos que dava a quem o buscava, resolveu visitá-lo a pedir-lhe determinada orientação já que, no seu próprio conceito, a sua vida estava um autêntico caos!

Introduzido numa saleta, onde possivelmente todos seriam atendidos, dado o tamanho e simplicidade da casa, e enquanto o velhinho procedia à cerimónia do chá com que pensava brindar o visitante, o turista foi falando e falando, sem interrupção de qualquer espécie, caminhando atrás do dono da casa conforme ele se movia de um lado para o outro. Segurara a chávena que lhe fora entregue, mas só quando o guru nela despejou um pouco de chá, com a chávena virada para baixo, é que inverteu o sentido das suas palavras para protestar:

- O senhor não viu o que fez? A chávena estava ao contrário!

E o guru, calmamente, retorquiu:

- Precisamente como a sua mente! Você está tão preocupado em falar, em dizer, que não escuta nada do que se lhe diga! É como se despejássemos um bule cheio de chá na chávena virada! Mude a sua conduta! Pense antes de falar e fale pouco,

analisando tudo o que diz! Quando agir assim, vai melhorar toda a sua vida!

E, a terminar:

- Pode sair! A consulta acabou...

*

Imaginamos a surpresa de quem escutou estas palavras: ouvir dizer que uma consulta estava acabada ainda antes de ter sido iniciada? Como assim?... Mas, resolvidos a analisar melhor a cena retratada naquela meia dúzia de palavras, concluimos pela lição que a mesma nos transmite. Realmente, quantos de nós não atiramos com palavras que nem sequer escutamos, na ideia de transmitir para terceiros o nosso ponto de vista, a nossa preocupação ou aflicção, e falamos, falamos, falamos... em vez de pararmos para pensarmos e encontrarmos uma solução?

Quantos de nós, para além daqueles vícios que sabemos carregar, alguns acompanhando-nos já de existências anteriores – dada a dificuldade de deles nos libertarmos – não temos ainda mais aquele vício tão comum à condição humana que é o de querer que os outros tenham pena de nós?! Queremos ser lamentados e nem sequer reparamos que, com esta atitude, provocamos aquela outra em que quem nos escuta nos chama de ... coitadinhos?! E, no entanto, se alguém nos puser o dedo na ferida, como se costuma dizer, reagimos de imediato porque ... coitadinho ninguém quer ser!

Contactamos periodicamente com uma pessoa nestas condições: lamenta-se, lamenta-se, quase chora... mas não faz nada por se modificar; e se nós, cansados de o escutar – de escutar

sempre as mesmas lamentações – chamamos para elas a sua atenção e sugerimos uma mudança de atitude, concorda de imediato, diz que sim senhora, que temos razão... e volta ao mesmo!

Somos pelo positivismo, que deve ser aplicado em todas as situações; somos pela fé que nos ensina que, se algo acontece é porque merecemos, dado que acreditamos que o acaso, realmente, não existe; somos pela esperança num Amanhã melhor, mas pensando, também, que para que ele aconteça temos todos e cada um de per si, de fazer a sua parte, melhorando a sua parte. E melhorá-la significa deixar as lamentações de lado e procurar uma solução para aquilo que reconhecemos estar errado em nós. Só assim conseguiremos seguir em frente, melhorar-nos e beneficiarmos da reencarnação que o Senhor nos concedeu para a conquista de mais um pouco de evolução.

O contrário significa apenas tempo perdido... e o tempo nunca se recupera, ainda que queiramos fazer mais e melhor!

*

O trabalho recomeça, depois de mais um período de férias, maior ou menor, com mais ou menos distrações... E embora muitos pensem que “Estou reformado, não há trabalho para mim”, há sempre algo em que todos podemos ocupar o nosso tempo... mesmo porque, a reforma civil não corresponde à reforma divina, e se Deus entende que devemos continuar reencarnados, só temos que aproveitar este ‘prolongamento existencial’ que não se coaduna com a reforma civil, e procurar vivê-lo de maneira a angariarmos algo de útil que encontraremos quando chegarmos ao outro lado da vida.

E há sempre tanto em que o podemos aproveitar... esse tempo que, em contrapartida, alguns se queixam que lhe foge por entre os dedos como montículos de areia que não se conseguem reter!

Realmente, somos todos tão diferentes que nem sequer olhamos o tempo da mesma maneira, embora ele seja o mesmo para todos, já que a hora que o nosso relógio marca é precisamente igual à de qualquer outro relógio que funcione em condições!

Então, para que ela nos seja mais útil, só há uma solução: vamos, a partir de agora, vamos fazer render o nosso tempo!

A DIRECÇÃO

ERRATA:

Apesar de todo o nosso cuidado os erros surgem, por vezes, tal como aconteceu no número anterior da nossa Revista, logo na 1ª página: onde se lê “junho-julho” deverá ler-se “JULHO-AGOSTO”.

Pedimos desculpa aos nossos leitores e, para aqueles que fazem colecção da nossa Revista, um pedido: emendem, por favor! ... e obrigados!



***Porque o amor é a presença de Deus no mundo,
onde quer que seja semeado, sempre florescerá. –
- Amália Domingo Soler).***

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

52 – Convém notar, além disso, que em nenhuma parte o ensino espírita foi ministrado de maneira completa; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas tão especiais, que seria impossível se achassem reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser colectivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e de observação, como se faz em algumas fábricas, onde a feitura de um mesmo artigo é dividida em partes por diversos operários.

A revelação foi, assim, feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários; é por essa maneira que ainda prossegue, pois nem tudo foi revelado; cada centro encontra nos demais centros o complemento do que obtém; e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a **doutrina espírita**.

Era, portanto, necessário agrupar os factos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os diversos documentos, as instruções dadas pelos Espíritos acerca de todos os pontos e de todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Surgindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era necessário

apreciar o grau de confiança que a razão lhes permitia conceder, distinguir as ideias sistemáticas individuais ou isoladas, das que tinham a sanção do ensino generalizado dos Espíritos; as utopias, das ideias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica são, utilizar da mesma forma os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo aqueles da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com tudo isto um todo homogêneo.

Era necessário, em suma, um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida, de todo preconceito sectário, **resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais.** Tal centro foi formado por si mesmo, pela força das coisas e **sem desígnio premeditado.**

Nota em rodapé: O Livro dos Espíritos, a primeira obra que fez entrever o Espiritismo no caminho filosófico, pela dedução das consequências morais dos factos, que abordou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que levantou – foi, desde a sua aparição, o ponto de encontro em cuja direcção convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico o qual até então permanecia no domínio das experiências de curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria, é que ele era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, e que dava uma resposta às suas aspirações: e também porque cada um ali encontrava a confirmação e uma explicação racional do que obtinha em particular. Se ele tivesse estado em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, não teria merecido nenhum crédito, e prontamente cairia no olvido. Ora, quem recebeu as adesões? Não foi o homem, que nada é por si mesmo, sendo apenas uma engrenagem de trabalho que morre e desaparece,

mas a ideia que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Esta concentração espontânea das forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, no qual se reflectem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que foram originados da doutrina, dos resultados morais, dos devotamentos e fracassos – arquivo precioso para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas. Na presença desses testemunhos irrecusáveis, o que virão a ser, a seu tempo oportuno, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?...

(In A GÊNESE, 1º Capítulo, ed. Lake)

(Continua no próximo número)

NA OBRA DO CRISTO

Em toda a hora, estejamos atentos ao dever de servir

Não possuais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos.- JESUS (Mt., 10:10)

São muito significativas as recomendações de Jesus aos doze apóstolos, e de impressionante actualidade!... Chamando-os, deu-lhes o poder sobre os Espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem toda a enfermidade e todo mal. Ordenou-lhes que limpassem os leprosos, ressuscitassem os mortos, expulsassem os demónios, sem nada cobrar. E ainda recomendou: “*Não possuais*

ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos. Nem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento.

Lembre-mo-nos de que cinto é o que está *amarrado* a nós. Logo, as recomendações se pautavam em acentuar a imperiosa necessidade de despojamento e desapego; independência, enfim, não vinculação a nada que pudesse obstar a missão, ou desvirtuá-la...

Trazendo essas recomendações para hoje, notamos que ainda não estão plenas de directrizes para os que se propõem a trabalhar nas leiras de serviço do Senhor da vida.

Em luminosa página, Emmanuel espelha tal realidade:

“(...) também hoje, na missão Espírita-Cristã, que nos objectiva o justo aperfeiçoamento, podemos dispensar tudo o que seja em nós aflicção sem proveito: sem cobertura política; nem lustre social; nem ouro prescindível; nem reserva nos bancos; nem garantias extralegais; nem vantagens de excepção; nem acesso à influência; nem láurea de governança; nem títulos invulgares; nem ambição de ganho; nem propósito de destaque... Mas sim, que em toda a hora, estejamos atentos ao dever de servir, esquecendo a nós mesmos para exaltar o Cristo nosso Mestre e Senhor, por sentimento e vida, por palavras e acções, porquanto d’Ele próprio tudo receberemos para que não nos falte o exacto suprimento dos recursos precisos à construção do bem e do plantio da luz.”

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – M. Gerais – Brasil)

PARA DESACTIVAR EXPLOSIVOS

Ouviste o que foi recomendado aos antigos: “Não matarás” e “quem matar, estará sujeito a julgamento”. Eu, porém, vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão, estará sujeito a julgamento; que aquele que disser a seu irmão: ‘Raca’, estará condenado pelo tribunal; e que aquele que disser ‘És louco’, merecerá condenação ao fogo do inferno. – (Mateus, 5:21 e 22).

Sentenciando: *Ouvistes o que foi recomendado aos antigos, Jesus refere-se às escrituras sagradas do Judaísmo, para citar determinado trecho que irá abordar. Em seguida, usando outra expressão : - Eu, porém, vos digo, enunciava ensinamentos que*

alterariam substancialmente conceitos temporais superador pela sua moral ou dar-lhes-ia um alcance maior, oferecendo ao homem uma visão mais clara de si mesmo e uma responsabilidade mais bem definida em relação ao semelhante.

*Aqui Jesus ensina que cometemos falta, não apenas quando matamos alguém, mas também quando nos encolerizamos contra o próximo, quando colocamos em dúvida sua sanidade mental ou quando o desprezamos, o que os judeus faziam pronunciando a palavra *raca* – que significava homem sem nenhum valor -, e enunciavam-na cuspiendo de lado para deixar bem claro que a pessoa não merecia nenhuma consideração.*

Embora fora do alcance da justiça humana, esse tipo de comportamento é de uma violência arrasadora, capaz de matar, na vítima, o bom humor, a coragem, a alegria, a estabilidade íntima.

Há indivíduos tão agressivos que conseguem aniquilar nas pessoas a própria vontade de viver.

Por isso, sempre que a nossa palavra se transformar em estilete agudo, contundente, a ferir o semelhante, estaremos enquadrados como matadores do sossego alheio, a impor-nos estágios depuradores de inquietação e angústia em penitenciárias interiores, situadas em nossa própria consciência.

Há quem diga: - Quando me exaspero com alguém é porque já me aborreceu ou prejudicou tanto, que feriu mortalmente minha paciência.

Semelhante raciocínio revela total desconhecimento dos princípios evangélicos. Segundo Jesus, a base fundamental de

nossa estabilidade íntima não é o que os outros nos fazem, mas o que fazemos aos outros. O mal atirado em nossa direcção somente

nos atingirá na proporção em que lhe oferecermos guarida e nos propusermos a usá-la em revide.

Se alguém nos remete uma bomba pelo correio e soubermos qual o conteúdo do pacote, seremos tolos se nos dispusermos a abri-lo. O mesmo acontece com as injúrias que nos fazem. São bombas perigosas, capazes de colocar em risco a nossa própria saúde. Por que recebê-las, reagindo negativamente? A atitude mais acertada é a compreensão. Se procurarmos ver no remetente alguém certamente perturbado por problemas e desajustes que lhe inspiram tal agressividade, teremos condições para desactivar a bomba, preservando o próprio equilíbrio.

Num congestionamento de tráfego, provocado por desarranjo em veículo da frente, será inútil ficarmos buzinando impacientes. Melhor será ajudar o motorista a resolver seu problema para que possamos prosseguir a viagem. O mesmo acontece no relacionamento humano. Não raro as pessoas atravessam nosso caminho, estacionadas na perturbação, trazendo-nos constrangimento e mágoa. Não adianta fazer soar buzinas de irritação. É fundamental usemos de compreensão e nos dispúnhamos a deixar o carro do melindre e do ressentimento, tratando de ajudar o companheiro, a fim de que nos libertemos.

Toda a moral evangélica se funda num ponto essencial: nossa felicidade está subordinada não ao que recebemos, mas ao que damos. Aqueles que justificam sua agressividade, sua impaciência, seus desajustes, atribuindo-os ao comportamento alheio, ainda não aprenderam nem aprenderam nada do Evangelho.

RICHARD SIMONETTI

In: Notícias do Movimento Espírita, de 2/7/014, de Ismael, recebida via internet.

*

A REFORMA DA REFORMA

Há algum tempo, numa conferência de ministros protestantes em Miami, o Reverendo Dr. Howard M. Ervin, de 48 anos de idade, aproximou-se de um colega pastor, que lhe colocou as mãos sobre a cabeça. Imediatamente o Dr. Ervin sentiu como se

uma série de descargas eléctricas lhe circularassem pela espinha abaixo.

Na manhã seguinte, o Dr. Ervin, ainda profundamente impressionado pela experiência, acordou “encharcado em suor”. “Ainda não sabia – diz ele – que se tratava do calor do Espírito Santo.” Mas seu depoimento prossegue: logo que saiu do chuveiro, sentiu como se uma multidão de palavras estivessem rolando dentro dele. E pensou: “Meu subconsciente está regurgitando as coisas que eu tenho ouvido por aqui.” Subitamente, porém, teve a visão de uma tira onde estavam impressas as sílabas “Sa-da-ma-li”. Pronunciando essas, outras sílabas vieram aos seus lábios, até que formavam o que lhe pareceu uma prece em língua desconhecida. “Mais tarde – diz ele – levantei as mãos e comecei a louvar o Senhor naquelas palavras que Ele me havia dado – e minha linguagem ganhou asas. Estava apenas venerando Jesus.”

Com essa curiosa narrativa, começa o interessante artigo publicado em 16 de Maio de 1964, na grande revista americana *Saturday Evening Post*. Graças à gentileza de um leitor amigo – e noto, com satisfação, que estou fazendo muitos amigos entre os leitores -, tomei conhecimento mais pormenorizado das curiosas experiências mediúnicas que estão ocorrendo, já há algum tempo, nas igrejas protestantes, principalmente nos Estados Unidos. Ao fenómeno, que está levantando certa celeuma nos meios religiosos mais tradicionais, deu-se o nome de *glossolalia*.

Nos Atos dos Apóstolos, Capítulo II, encontramos a narrativa do acontecimento ao qual remontam as atuais experiências nas igrejas americanas:

“E quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar. E, de repente, veio do céu um estrondo, como do vento que assoprava com ímpeto e encheu toda a casa onde estavam assentados. E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, que repousaram sobre cada um deles. E foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.”

O leitor espírita não terá dificuldade em reconhecer aí o fenómeno da xenoglossia, em que o médium fala em linguagem que desconhece. Ernesto Bozzano tem sobre o assunto uma das suas magistrais monografias. No caso das igrejas protestantes, porém, a coisa ainda está algo confusa, pois evidentemente não têm conhecimento adequado do fenómeno aqueles que o estão provocando. No entanto, os factos espíritas estão ocorrendo, como sempre, independentemente do conhecimento que deles tenham as pessoas. É disso um exemplo vivo outro pastor, o Reverendo Frank A. Downing, de 40 anos, da Igreja Batista Belvedere, de Baltimore. Esse clérigo começou um dia a orar e passou, sem o saber, a dizer palavras desconhecidas. Uma noite, acordou às 3 horas e não conseguiu reconciliar o sono. Levantou-se, ajoelhou ao lado da cama, quando luzes intensas começaram a brilhar agitadaamente diante dos seus olhos fechados. Pareceu-lhe que as luzes tinham uma certa forma e então ele pediu assim: “Senhor, se sois vós que tentais falar comigo, acalmai essas luzes de modo que eu possa vê-las.” Instantaneamente – prossegue o Reverendo – as luzes organizaram-se numa legenda que claramente dizia isto: “Não tema. Apenas creia e você dará testemunho e fará maravilhas em meu nome.” Em seguida, a visão desapareceu. O pastor tomou a Bíblia de sua mesa de cabeceira e escreveu as palavras que acabara de ler daquela estranha maneira. Somente quando voltou à cama é que percebeu que, apesar de não ter ligado a luz eléctrica,

o aposento estava iluminado em torno da cama e aos poucos a luz foi-se retirando até mergulhar o quarto todo na sombra novamente.

Coisas dessa ordem estão acontecendo com centenas de outros clérigos e milhares de leigos de todas as denominações religiosas da crença protestante nos Estados Unidos – diz o articulista Mc-Candlish Philips. O movimento, segundo esse autor, está sendo denominado de “*Charismatic Renewal*”, ou seja, “Renovação Carismática”, o que seria, pois, uma renovação da graça divina.

Mas não apenas se fala em línguas desconhecidas, também se verificam fenômenos a que o autor do artigo chama supernaturais, desde “a visão profética até às curas miraculosas de doentes.”

A questão é que nada existe aí de miraculoso: estamos simplesmente diante de fenômenos mediúnicos. A mediunidade está de facto explodindo em toda a parte, em cumprimento às profecias, segundo as quais derramaria Deus o seu espírito “sobre toda a carne”.

O movimento começou realmente a tomar forma em 1956, com cerca de vinte ministros protestantes. Em 1960, ampliou-se na Califórnia e, nos últimos tempos, tem adquirido extraordinário impulso, não apenas nos Estados Unidos, como na Europa, especialmente na Inglaterra.

Na Inglaterra primitiva, como se vê no Evangelho e em outras fontes autênticas, foi comum a ocorrência desse fenômeno, como também do chamado “dom da profecia”, ou “a cura pela imposição das mãos”. Esse termo, profecia, talvez precise de um comentário à parte.

Não resta dúvida hoje, pelo menos para os espíritas, de que os grandes profetas foram médiuns que recebiam suas instruções espirituais e as transmitiam ao povo. As mediunidades eram várias: alguns emprestavam seu corpo para que os Espíritos desencarnados falassem por eles; outros escreviam mensagens; outros ouviam-nos e reproduziam o que escutavam, e havia aqueles que viam e descreviam as imagens que lhes eram apresentadas. Isaías, no Capítulo VIII, diz assim: “E o Senhor me disse: Toma um livro grande e escreve nele em estilo de homem.” Que é isto senão a ordem de um Espírito superior para que o médium procurasse transmitir pela escrita, de maneira inteligível aos homens, a mensagem captada das esferas superiores?

Os fenómenos mediúnicos estão ligados indissolivelmente a toda a história da Humanidade. De maneira especial, eles aparecem na Bíblia, onde constituem, por assim dizer, o próprio fio que mantém ligados os inúmeros episódios da fascinante história religiosa da tradição judaico-cristã.

Embora de tempos em tempos, no decorrer dos séculos de Cristianismo, as comunidades cristãs tenham testemunhado esse fenómeno, nos últimos cinquenta anos somente as igrejas protestantes pentecostais conservavam a antiquíssima tradição de “falar línguas estranhas”. Agora, entretanto, o movimento assumiu proporções tais que alguns mais conservadores estão já temerosos de que a coisa se configure numa espécie de heresia em estado embrionário. É, aliás, o que acha o Bispo Episcopal James A. Pike, da Califórnia, que proíbe a prática da glossolalia na sua diocese. Outros acham que “é tudo obra do demónio”.

A despeito dessa oposição dentro da própria comunidade protestante, a prática se avoluma e se espalha. Como diz o

Reverendo John J. Weaver, de Detroit, “ministros de todas as denominações estão recebendo o dom do Espírito Santo em nossa Catedral”.

É uma pena que não haja por detrás desses fenómenos um estudo metodizado de alguém que tenha conhecimento doutrinário e prático do facto espírita, a fim de disciplinar e orientar todas essas mediunidades no nascedouro. Tal como se acha – é o que me parece -, a prática pode criar problemas sérios, pois que muita gente está lidando com recursos e faculdades que mesmo os espíritas ainda conhecem relativamente pouco. A mediunidade é uma coisa muito séria e seu exercício envolve conhecimentos, responsabilidades e riscos que exigem uma constante vigilância, grande dose de humildade, paciência e estudo.

É claro, porém, que esses movimentos não ocorrem por acaso: sente-se neles o trabalho coordenado de Espíritos interessados em chamar a atenção para o fenómeno. Posso aqui aventar uma hipótese (o leitor também deverá ter a sua): acredito que se deseje demonstrar com isso que a prática da mediunidade não é incompatível com as crenças ortodoxas. Em outras palavras: o protestante pode exercer sua mediunidade curadora ou psicográfica ou xenoglóssica e continuar na sua crença de que está sob a influência do Espírito Santo. Nos tempos bíblicos, os grandes condutores religiosos acreditavam estar dialogando directamente com Deus. São inúmeros os exemplos na Bíblia e nem por isso podiam ou deviam ser considerados espíritas.

Com o desenvolvimento desses trabalhos, essa experiência trará certas perplexidades aos praticantes das crenças ortodoxas, porque, do intercâmbio mais constante e mais estreito com os Espíritos, começarão a descobrir que, ao contrário do que pensam e pregam seus teólogos, os seres desencarnados não foram

despachados para o inferno sumariamente, nem se acham no gozo das delícias do céu. Descobrirão também que o Espírito não é criado novinho em folha para cada nascimento, mas que reencarna tantas vezes quantas necessário for ao seu desenvolvimento. Obviamente, essas descobertas colocarão as crenças protestantes numa encruzilhada da qual não poderão recuar e diante da qual terão de fazer uma irrecusável opção: ou continuam diante da luz sem querer vê-la, ou abrem os olhos para espiarem, àquela nova luz, os escombros dos seus mais queridos dogmas. Isto, porém, ainda é cedo para prever-se. É até possível que surja dentro do protestantismo uma decidida reacção contra essa prática e o resultado será fácil de imaginar-se: ou emerge uma nova seita daqueles que insistem na prática da glossolalia ou o movimento carismático perde o seu “momentum” e expira naturalmente, esvaziado do seu impulso inicial de “novidade”.

No entanto, é preciso ressaltar que muitos ministros protestantes, como também sacerdotes católicos, reconhecem que o Cristianismo hoje contido nessas duas correntes de pensamento religioso está realmente mumificado, desvitalizado. Nunca o Cristianismo andou tão necessitado de uma nova “reforma”. Aliás, senão para uma reforma, pelo menos para uma “revisão”, uma nova tomada de posição, qual, no momento, ocorre no Concílio Vaticano II.

Essa necessidade de reformulação manifestou-a muito bem um pastor presbiteriano citado por Phillips no seu artigo. Dizia ele:

“De minha parte, vim caminhando através das fileiras do ensino conservador e o meu coração desfalece porque os cristãos conservadores, às vezes, chamam a isto (ao movimento carismático) fanatismo. Digo-lhes, porém, que, a não ser que nos tornemos fanáticos, teremos um cristianismo defunto!”

Enquanto a controvérsia prossegue, o movimento vai ganhando novos adeptos, e as congregações que começam a praticá-lo experimentam a grata surpresa de verificar o extraordinário interesse dos crentes, que começam a afluir em massa às igrejas.

Uma senhora protestante, em casa, de súbito sente necessidade de orar, o que faz em inglês e “em línguas desconhecidas”. Em seguida, tem a visão nítida de um avião que capota no momento da aterrissagem e se envolve em chamas. Por vinte minutos ela continua orando, até que se sentiu perfeitamente bem. Três horas depois, seu marido chega em casa, pois ele estivera no acidente. Antes que ele lhe contasse o desastre, ela disse:

- Um momento, deixe-me contar o que aconteceu.

Por isso, eu dizia que muitas mediunidades estão-se desenvolvendo, embora não da maneira orientada, como deveria ser, o que é arriscado.

O aspecto mais controvertido do movimento, entretanto, segundo o articulista, parece ser o da cura espiritual. Muitos clérigos e leigos estão praticando a imposição de mãos e a prece diante do doente. E o que é mais notável: curas extraordinárias estão ocorrendo.

Quanto ao estranho linguajar, já houve quem o estudasse criteriosamente. Um grupo de linguistas no Canadá examinou umas gravações feitas pelo Dr. Bredesen. A conclusão foi a de que os sons se aproximam de “algumas línguas malaio-polinésias”, mas acharam também “altamente improvável que aquilo fosse

linguagem humana”. O Dr. Bredesen ouviu de um deles que se tratava, não obstante, de uma inegável experiência espiritual.

- Se fosse tolice, por que não diriam logo? Concluiu o Dr. Bredesen.

Já existe até um livro que estuda o fenómeno. Chama-se *Tongues peaking – An Experiment in Spiritual Experience*, da autoria do Reverendo Morton T. Kelsen, Reitor da Igreja Episcopal de São Lucas, na cidade de Monróvia, na Califórnia.

O autor desse livro, ao que tudo indica, está pouco informado acerca do fenómeno, pois não encontrou outra explicação a não ser a teoria junguiana do “consciente colectivo”. Segundo C. G. Jung, a mente humana está em permanente contacto com um vastíssimo reservatório de experiência colectiva.

Nem sempre, porém, a prece em línguas é realmente enunciada em palavras desconhecidas. Uma senhora que trabalhou no México, como missionária, veio ao Dr. Ervin e pediu-lhe que orasse pela sua saúde. O clérigo orou no que lhe parecia ser uma língua desconhecida. Quando terminou, a mulher disse-lhe que ele acabara de dizer, em espanhol, o seguinte: “Deus tenha compaixão desta alma.” “E eu não sei espanhol” - diz o Dr. Ervin.

Os pastores favoráveis ao movimento têm bons argumentos para justifica-lo, dizendo, por exemplo, que, sendo “verdadeiro que Jesus continua vivo e todo poderoso, a igreja deve proclamá-lo e arrebatá-lo aos fortes movimentos do mundo pagão. Não se pode negar – continua – o carácter supernatural do Cristianismo”. Outro acha que deve existir alguma diferença “entre a igreja de Jesus-Cristo e o Rotary Club”. Há os que acham que o movimento está surgindo exactamente no momento em que deveria surgir para renovar o interesse na fé cristã.

“Estamos no fim de uma Era – diz o Dr. John Mackay, presidente emérito do Seminário Teológico de Princeton. Forças revolucionárias, vulcânicas, estão em acção e a nossa gente não quer enfrentar essa realidade. Simplesmente não queremos encarar esse problema no exacto momento em que o vulcão está em erupção.”

Para encerrar o interessante trabalho, o autor cita uma frase favorita do Dr. Mackay: “O homem que tem uma experiência nunca está à mercê do que tem um argumento.”

E a experiência é essa, amigo leitor: o fenómeno mediúnico está, agora, dentro das muralhas do protestantismo. Onde vai dar essa trilha, não podemos prever, mas, certamente, podemos supor que grandes coisas estão por vir. Ao que tudo indica, uma nova reforma se prepara para as igrejas reformadas.

H. C. M.

(Pensamos que estas iniciais correspondem ao nome “Hermínio Correia de Miranda” que, durante muitos anos publicou artigos na revista espírita REFORMADOR, onde este foi publicado, primeiramente em Janeiro de 1965 e, mais tarde, transcrito em Janeiro de 1995, na rubrica: “Reformador de ontem, ensinamento de hoje”. Considerando o pesquisador que Hermínio de Miranda, desencarnado há um ano, foi, e, ainda, todos os conhecimentos que nos transmitiu sobre mediunidade e doutrina espírita, pensamos que apesar do tempo decorrido desde a primeira publicação deste artigo, valia a pena transcrevê-lo... e ele aqui está! – M. V.)

TENTANDA VIA

Entre dois polos, d'acentuada linha,
A alma humana vive aqui cativa
Em luta ardente, extenuante, viva,
Nem sequer nobre, muita vez mesquinha.

Na Terra entra a penar, penando vinha
E a penar segue, sempre sensitiva;
Ora brilhante, ora apagada e esquiva;
Mendiga sempre a simular rainha.

Quando aqui nasce é como a flor: singela,
Duma aparência pura, ingénua e bela,
Em corpos vis à podridão sujeitos.

Arrosta a dor, as tentações, o vício,
Com a esperança de, no sacrifício,
Conquistar jus a mundos mais perfeitos.

FERNANDO DE LACERDA
(ele mesmo)

PÁGINAS DO PASSADO

ILUSIONISMO E ESPIRITISMO

Mão desconhecida remeteu à F. E. P. a página 3 da revista inglesa *Pearson's Weekly* de 4 de Janeiro último, em que, ao alto, se lê o seguinte repto em grossos caracteres: “*Eu desafio os Espiritistas. – Deixem-me assistir a uma sessão... Deixem-me ver os espíritos trabalhar, e eu publicamente me retratarei do que tenha dito contra o Espiritismo, - diz o célebre ilusionista Jasper Maskelyne.*”

Queixa-se o reptador de que já o avô e o pai – também prestidigitadores – tinham feito o mesmo desafio... com o mesmo resultado nulo, e pergunta porquê.

É de presumir que a pergunta – pelos vistos há 3 gerações repetida – continue sem resposta. Sabe-se lá porquê!

Maskelyne nota que é frequente, duas ou três semanas depois do falecimento de alguma celebridade, aparecerem mensagens que os grupos espíritas atribuem ao desencarnado. Efectivamente, o reparo parece cabido: raras vezes ps médiuns nos dão comunicações dos humildes, dos miseráveis. Entretanto, talvez estes últimos tivessem e tenham mais ensinamentos a dar-nos do que aqueles que foram grandes homens e potentados na Terra. Conta Maskelyne, actual representante de três gerações de ilusionistas, que o distinto sacerdote Archdeacon Colley pretendia ter visto um espírito em Bloomsbury e que o mesmo sacerdote

oferecera mil libras a seu avô se ele fosse capaz de reproduzir fenômeno idêntico com as suas artes de prestidigitador. O neto afirma que o avô conseguira reproduzi-lo e, por isso, reclamara as mil libras. Mas, como o sacerdote não estivesse de acordo, o caso fora levado ao tribunal que, por fim, julgou improcedente a reclamação do avô Maskelyne, não obstante – diz o neto – a imprensa e o público dessa época, terem dado razão ao avô. É que nem sempre a “voz do povo é a voz de Deus.”

Mais adiante escreve: “Quando meu avô estava prestes a morrer, chamou meu pai para junto de si. ‘Eu quero dar ao espiritismo uma prova da minha sinceridade’ – disse o moribundo ao filho. ‘Quando estiver do ‘outro lado’, eu hei de procurar comunicar contigo. Deita-te na minha cama uns poucos de dias depois da minha morte; rodeia-te das coisas de meu uso e vê se consegues obter uma mensagem.”

Durante uma semana, assegura Maskelyne neto, estivera o pai, J. Nevil Maskelyne, deitado na cama e nada conseguira que se parecesse com uma mensagem. Ao que julgo, isto vem a pêlo para demonstrar a impossibilidade de comunicação dos vivos com os desencarnados. Se assim é, o argumento tem pouca consistência. Sabe-se lá porque foi que o Sr. Maskelyne não pôde comunicar com o pai! O que era e é preciso, é que o Sr. Maskelyne filho prove que ainda ninguém conseguiu tal comunicação, ou, então, que alguém prove tê-la já conseguido...

Guilherme James, filósofo americano, no discurso que, em 1894, proferiu, na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, em resposta à negação dogmática dos sábios, teve esta frase que ficou célebre: *“Se quiserdes revogar a lei de que todos os corvos são pretos, não precisais demonstrar que não há*

corvos; basta provar que existe um corvo branco. O meu único corvo branco é a Sra. Piper”...

Também eu vou apresentar os meus *corvos brancos*...

*

Frederico Myers, autor do livro *Human Personality and its Survival of bodily Death* (A Personalidade humana e a sua sobrevivência depois da morte), fizera um pacto com Guilherme James: o primeiro deles que partisse para o Além deveria enviar ao outro uma mensagem, mal deixasse este mundo. Em 1901, em Roma, aconteceu que Myers, um dia, adoeceu gravemente do coração. O médico Axel Munthe, chamado para conferenciar com o assistente, e que era amigo de Myers, declarou-lhe que ele morreria naquele mesmo dia.

- Sinto-me feliz, retorquiu Myers. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber. Diga a James, diga-lhe...

Guilherme James, estava tão acabrunhado pela dor que não teve coragem de entrar no quarto do doente: deixara-se cair numa cadeira junto da porta aberta, com um livrete de notas sobre os joelhos e de pena na mão prestes a escrever a mensagem com a sua habitual e metódica precisão. O Dr. Axel Munthe debruçou-se sobre o moribundo e perguntou-lhe se sofria.

- Não, murmurou Myers; sinto-me muito abatido e muito feliz.

O Dr. Munthe diz que foram estas as suas últimas palavras, e acrescenta:

- Quando saí, Guilherme James continuava na cadeira, com o rosto entre as mãos e o caderno aberto sobre os joelhos. A página estava em branco.

Em Janeiro de 1931 foi entregue ao Dr. Osty (*Revue Metapsychique*, nº 1 de 1933 e nº 6 de 1934) um grande sobrescrito em que estavam escritas estas palavras: ‘Em caso de morte, deve esta carta ser entregue ao Dr. Osty. R. Santoliquido’. (O Professor Santoliquido, conselheiro de Estado de Itália, foi, até 1928, Presidente do Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico). Este primeiro sobrescrito continha um outro no qual o Dr. Geley escrevera: “*dossier organizado pelo dr. Geley; para abrir só depois da minha morte e no caso de manifestação da minha parte.*”

O Dr. Osty, a título de experiência, no nº. 1 da *Revue Metapsychique* de 1933, pedia aos médiuns:

- 1º - que dessem a conhecer o conteúdo da carta;
- 2º - que realizassem o que nessa carta lhes fosse pedido.

O Dr. Gustavo Geley morreu, dum desastre de avião, em 1924.

Nenhuma comunicação até Junho de 1934 foi recebida, que satisfizesse o pedido do Dr. Osty.

Admitamos que um médium qualquer tivesse podido ler o que continha a carta em causa. Não apareceriam cientistas insatisfeitos que dissessem que o médium podia ter ido ler à ‘memória cósmica’?

Para os adeptos, esta memória cósmica é uma registadora universal onde todas as vibrações estão gravadas indelevelmente... e, assim, *tudo* seria explicável quanto a recordações; mas o problema subsistiria quanto às acções inteligentes executadas no momento em que se fala, quer de realizações imediatas. Quer futuras.

E, porque não admitir também, a possibilidade das vibrações do pensamento de Geley ao escrever a carta, terem sido recebidas e arrecadadas no famoso subconsciente dum vivente na Terra que com ele estivesse em ‘relação psíquica’, e onde o médium, depois, fosse ler?

‘A dúvida fecunda – escreve Bozzano – mas orientada cientificamente para a solução espiritualista do grande mistério, parece o estado psicológico mais apropriado ao progresso material e moral das gerações actuais.’

Lening, há mais de século e meio, teve a intuição desta verdade, quando escreveu: *“Se Deus me aparecesse tendo na mão direita toda a verdade e na esquerda unicamente o que bastasse para me conservar o vivo desejo de procurar a Verdade, com a cláusula de eu ter que continuar a tropeçar, às vezes, no erro, e me dissesse: ‘Escolhe!’ – eu resolver-me-ia, com toda a humildade, pelo conteúdo da mão esquerda: ‘Pai, basta-me o que contem a tua mão esquerda. A Verdade absoluta foi feita só para ti!’*

O destino da certeza adquirida num dado momento!...

“A certeza não depende da vontade de cada um. Quando se vêem, mesmo com deslumbrante nitidez, factos estranhos, inabituais, apesar da dúvida que nos invade, no próprio momento

em que o facto se verifica, nós ficamos convencidos e solidamente convencidos, mas bem depressa tal solidez diminui. Ao cabo de algumas horas, de algumas semanas, e, com muito mais razão, de alguns anos, a certeza do facto observado – se é único e inverosímil – acaba por se evaporar. E é pena...” (A *Grande Esperança*, de Carlos Richet).

A certeza adquirida, a que falte o apoio da fé, vacila como edifício assente em frágil alicerce, e vem a cair na dúvida, que, quando não é fecunda, gera a descrença.

Frederico Myers, quase no próprio instante da sua partida para o Além, dizia ao médico e amigo, Dr. Axel Munthe, contente, feliz: “Vou, enfim, saber... Diga a James...”, esperando poder comunicar com ele imediatamente, conforme o pacto estabelecido entre ambos. A promessa não se cumpriu... Porquê?

Só o Dr. Gustavo Geley sabia o que escrevera num papel e deixara encerrado dentro dum sobrescrito lacrado, o qual deveria ser aberto somente se se desse qualquer manifestação *post mortem* do seu autor. Como até 1931 nenhuma manifestação do espírito desencarnado se produzisse, o Dr. Osty resolveu fazer uma experiência com os médiuns espíritas. Nenhum médium revelou o que continha a carta lacrada do Dr. Geley... Porquê? Não se têm produzido fenómenos, senão de identidade perfeita, semelhante, pelo menos?

Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, fez a seguinte afirmação em 22 de Novembro de 1914: (*Annales des sciences psychiques*, de Janeiro de 1916) “Eu tenho conversado com defuntos, meus amigos, exactamente como o posso fazer com qualquer pessoa. Esses amigos, como homens de ciência que eram, forneceram-me a prova da sua identidade, a prova de que eram

realmente eles e não uma personificação ou outra coisa qualquer emanante de mim mesmo.”

No seu livro *Raimundo ou a Vida e a Morte*, o mesmo sábio, Oliver Lodge, relata manifestações do filho Raimundo depois de ter morrido no ‘front’ francês, em 16 de Setembro de 1915, na colina de Hodge, onde fora atingido por estilhaços de obus.

Jorge Pelham, amigo do Dr. Hodgson, prometera em vida que depois do seu falecimento enviaria comunicações do Além, utilizando a faculdade mediúnica da Sra. Piper e reconhece, um a um, trinta dos seus amigos, com os quais falou como o teria feito na vida terrestre. Com o Dr. Hodgson discutiu filosofia durante anos. O Professor Dr. Carlos Richet, confirma que Jorge Pelham reapareceu psicologicamente todo inteiro e se referiu ao que viu, disse, fez e ouviu durante a sua vida terrestre.

Stainton Moses, sacerdote duma rara penetração de espírito e duma lealdade absoluta, em sessão mediúnica na biblioteca do Dr. Speer, pediu ao espírito que, por seu intermédio comunicava psicograficamente, que lesse o último parágrafo da página 94 do penúltimo livro da segunda prateleira de tal estante, e afirmou: “Eu não sei de que livro se trata e até ignoro o título do livro.” Minutos depois, o espírito comunicante ditou o seguinte parágrafo: “Provarei com uma resumida referência histórica que o papado é uma novidade, que, gradualmente, se elevou e se engrandeceu desde os tempos primitivos do Cristianismo puro, não só desde o tempo dos apóstolos mas, até, desde a lamentável união da Igreja e do Estado por Constantino.”

O livro em questão era uma obra excêntrica que tinha por título *Roger’s Antipopo – priestian*, frase seguida de outros nomes

ainda mais arrevesados. Verificou-se que o trecho lido estava certo, excepto quanto à palavra *narrativa* que substituíra a palavra “account”. Stainton Moses perguntou como encontrara ele frase tão apropriada, ao que o espírito respondeu que por mera coincidência; que a palavra fora mudada por engano e que se apercebera disso, mas que não a quisera corrigir... Em seguida declarou que ia ler mais uma vez: que escrevesse ele, Stainton Moses, o que lhe fosse ditado e, depois, daria as indicações precisas para se encontrar o livro respectivo... E ditou assim: “Pope foi o último grande escritor desta escola de poesia, ou antes, a poesia da inteligência, ou antes, da inteligência combinada com a imaginação...”

Dirigindo-se a Stainton Moses, disse: “Vá buscar o décimo primeiro livro à mesma prateleira da mesma estante.” Tirado o livro, viu-se que o título era *Poesia, Romance e Retórica*. Aberto o livro na página indicada pela inteligência comunicante, ali se encontrava o trecho ditado. Stainton Moses assegura que nunca vira aquele livro e não podia ter a menor ideia do que nele se continha.

Porque não poderão então os médiuns de agora ler o que contêm a carta do Dr. Geley? Porque não comunicou Myers com James? Porque não comunicou Maskelyne pai, com o filho?

“Quando um químico ou um fisiologista faz uma experiência – escreveu Richet – se todas as condições de realização estiverem bem determinadas, essa experiência terá bom êxito.” Mas não acontece o mesmo com a experimentação da faculdade mediúnica. “Os mais poderosos médiuns que em dez experiências tenham produzido resultados admiráveis, podem falhar, completamente, na undécima, na duodécima e na décima

terceira, não obstante todas as condições de experimentação terem sido aparentemente idênticas.”

Se pudéssemos falar com os viventes do Além, por meio do aparelho mediúnic, como falamos com os viventes da Terra por meio do aparelho telefónico!...

O valor teórico de cem experiências *negativas* fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem conservada – afirmou Guilherme Crookes.

E Bergson é da mesma opinião: “Em certos casos, a prova estatística nada significa: uma única experiência perfeita é bastante.”

E qual será a opinião de outros prestidigitadores? O prestímano Henrique Price, que maltratara com suspeições ruins médiuns qualificados e honestos, publicou na revista *Light*, de 26 de Julho de 1924, uma carta dirigida ao confrade ilusionista Clive Maskelyne, pai de Jasper Maskelyne, na qual o seu autor lamenta que Clive Maskelyne tenha sempre considerado os fenómenos psíquicos de maneira tão agressiva.

Ele, Price, vira sempre nesses fenómenos um mistério e pergunta ao confrade se acha impossível que um ‘conjurer’ (prestidigitador) declare a sua crença em factos produzidos e provados em sessões medianímicas. Na verdade – diz ele – nem todos os ‘magos’ se recusaram a admitir a evidência, como passa a demonstrar: Samuel Bellachini, prestímano em Berlim, escreveu na presença dum notário em 6 de Dezembro de 1877, a seguinte declaração: “Examinei minuciosamente esses fenómenos, diante do Sr. Slade; em nenhum caso encontrei o quer que fosse produzido por prestidigitação ou por meios mecânicos. Qualquer

explicação por tais meios, é completamente impossível.” Bellachini era tão célebre na Alemanha como Roberto Houdin em ,fenómenos supranormais. Carl du Prel, na sua *Psicologia Experimental* , conta que Daniel Douglas Home foi posto à prova por Roberto Houdin e Bosco, e que ambos negaram a possibilidade de os fenómenos que presenciaram serem produzidos por um prestidigitador.

Kollar, o famoso ilusionista americano, fiscalizou cuidadosamente o médium Eglinton, durante uma sessão de ‘escrita na ardósia’ e não se apercebeu de nenhuma fraude. Howard Thurston, um dos mais célebres médiuns dos Estados Unidos, ainda vai mais longe: **confessou publicamente a sua crença no espiritismo**. Stuart Cumberland, o famoso leitor de pensamentos, disse uma vez a Henrique Price que, nas suas representações, produziam-se factos estranhos nos quais o seu talento profissional não intervinha em coisa nenhuma. Will Goldson, do *Magian’s Club*, é espiritista e **afirma ter conversado muitas vezes com a irmã, falecida há alguns anos**. Guilherme Jeffrey, de Glasgow, é um prestímano amador: também ele afirma que tais fenómenos são inexplicáveis pelos meios normais.

“Muitos dos nossos confrades – escreve Henrique Price – pretendem que não há fenómeno que não possa ser reproduzido com auxílio dum truque. É mais que erro. Há fenómenos psíquicos que, *nas mesmas condições*, não podem ser repetidos pelo homem mais hábil do mundo.” E Exemplifica: Em Agosto de 1923, em Varsóvia, durante a recepção dos delegados ao Congresso, foram apresentados alguns médiuns. Entre eles, figurava uma aldeã silesiana, Ana Pilch, de 12 anos, clarividente, que só falava o seu dialecto e não compreendia uma palavra de polaco. Numa das sessões experimentais, Price estudava a médium, tendo por intérprete o Dr. Adão Zoltowski, da Universidade de Posen. Após

algumas palavras, sem que Price tivesse pronunciado o quer que fosse, Ana disse-lhe que, muito criança, em consequência duma queda, ele partira o ante-braço esquerdo (e designava o local no seu próprio braço); que, pouco depois, Price sofrera um choque violento num pequeno barco; que ele vivia numa casa quadrada, no campo, perto dum rio, além de outros factos de natureza pessoal. Tudo estava correcto, até nas menores particularidades.

E pergunta: “Pode V. repetir isto por meio dum truque, sr. Maskelyne?”

Não consta que o Sr. Maskelyne tenha respondido. Porquê? Sabe-se lá porquê!...

E depois de se referir a outros fenómenos por ele observados em Munich, juntamente com o colega ilusionista E. J. Dingwal (membro do Magic Club), Henrique Price conclui: “Nenhum prestidigitador pode fazer nada disto, como também não pode fazer *baixar* a coluna de mercúrio dum termómetro, dentro dum quarto fechado onde estavam doze pessoas reunidas – como eu vi acontecer repetidas vezes. Eu fui, como V., um grande céptico, antes de me dar ao trabalho de *perquirir honestamente* a questão e de alcançar provas. De certo, há fraudadores no que respeita a investigações psíquicas. Mas uma grande parte das *fraudes conscientes dos médiuns, é imputável aos próprios investigadores que, muitas vezes, são excessivamente indiferentes ou ignorantes para prevenirem o embuste*. Entretanto, isso não deve impedir o estudo sério dos factos.

“Não seja tão severo com os pobres médiuns, Sr. Maskelyne!... Tão verdadeiro como eu estar seguro de que o sol há de nascer amanhã, eu estou certo que as grandes verdades psíquicas hão de penetrar gradualmente nas massas; e elas, um dia,

preferirão, mil vezes, ver um ente humano levitar-se, por virtude de uma qualquer força psíquica autêntica, do que assistirem ao espectáculo dum homem se erguer três pés (0,90 cms.) no ar, por virtude duma maquinaria oculta... Queira ler a literatura que trata deste assunto e comece pelo último livro do Dr. Gustavo Geley: *A Ectoplasma e a Clarividência.*”

Mas, há mais: *há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem.* Assim no lo afirma o mesmo Sr. Henrique Price na *Light* de 8 de Dezembro de 1923: “O meu amigo H. Houdin, célebre escamoteador americano, mais duma vez presumiu ter sido assistido de faculdades psíquicas que o ajudavam ao bom êxito de alguns dos seus “milagres”... Howard Thurston, um outro “mago” americano, declarou publicamente que, às vezes, era auxiliado por amigos invisíveis. Um dia, ele apresentava ao público uma *pseudo* sessão espírita (que ele forjara); mas, depois, reconheceu que os efeitos estupefacientes, inexplicáveis – tais como podiam ser discernidos – se tinham produzido em consequência da intervenção duma Entidade inteligente, invisível e supranormal. O falecido Stuart Cumberland, ledor de pensamentos que, nos seus livros, ridicularizava o espiritismo, confessou-me que, durante as suas representações, acontecia-lhe sentir-se invadido por um poder que não sabia explicar...”

Há fraudes? Quem o nega? Médiuns célebres fraudaram, sem que entretanto os fenómenos por eles produzidos, averiguados e demonstrados, pudessem ou possam ser invalidados. O sol, nem perde, nem diminui o brilho pelo facto de algumas nuvens o toldarem.

Certamente, há médiuns fraudadores; inconsciente e conscientemente, talvez o maior número de médiuns seja o de embusteiros...

Os diamantes encontram-se nas extensas gangas terrosas dos jazigos, como as pepitas de ouro se encontram nas areias. Limpemos o diamante e o ouro mediúnicos da massa de impureza em que os trapaceiros os envolvem. O Espiritismo só lucra em os desmascarar.

Anónimo remetente da página 3 da revista inglesa *Pearson's Weekly*, de 4 de Janeiro último: aqui lhe deixo os meus *corvos brancos* – como dizia Guilherme James – em demonstração de que *os corvos não são todos pretos*.

JOSÉ FAURE DA ROSA, Coronel

In: REVISTA DE ESPIRITISMO Da Federação Espírita Portuguesa, de Maio/Junho de 1936. Faure da Rosa foi um dos Presidentes da primitiva Federação).



EM NOSSAS TAREFAS

***“... não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes.” – PAULO –
(Romanos, 12:16)***

“Não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes” – recomenda o apóstolo, sensatamente.

Muitos aprendizes do Evangelho almejam as grandes realizações de um dia para o outro...

A coroa da santidade... O poder da cura... A glória do conhecimento superior... As edificações de grande alcance...

Entretanto, aspirar só por si não basta à realização. Tudo, nos círculos da Natureza, obedece ao espírito de seqüência.

A árvore vitoriosa na colheita passou pela condição de arbusto frágil. A catarata que move poderosas turbinas é um conjunto de fios de água no nascedouro. Imponente é o projecto para a construção de uma casa nobre, no entanto, é indispensável o serviço da picareta e da pá, do tijolo e da pedra, para que a arte e o reconforto se expressem.

Abracemos os deveres humildes com devoção ao nosso ideal de progresso e triunfo. Por mais árdua e mais simples a nossa obrigação, atendamo-la com amor.

A palavra de Paulo é sábia e justa porque, escalando com firmeza as faixas inferiores do monte, com facilidade lhe conquistamos o cimo e, aceitando de boa vontade as tarefas pequeninas, as grandes tarefas virão espontaneamente ao nosso encontro.

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, ed. FEB, cap. 118, em psicografia do médium brasileiro Francisco C. Xavier).